



Universidade Regional do Cariri (URCA)
Campus Maria Violeta Arraes de Alencar
Gervaseau, Crato/CE, Brasil
ISSN-

CONTRA O (TRANS)FEMINICÍDIO NA ESCOLA – A PERFORMANCE ENQUANTO ANTICRIME DE DENÚNCIA DA VIOLÊNCIA DE GÊNERO

Levi Mota Muniz¹

RESUMO

Almeja-se nesse texto relatar o acontecimento das performances “Dandara Vive” e Enquadradas(Coletivo Debandada) na EEMTI Telina Barbosa da Costa e, a partir destas, criar proposições para lidar de maneira performativa com a violência de gênero no ambiente escolar, focando, aqui, nos (trans)feminicídios. As performances datam de 2018 e 2019, figurando ambas dentro da semana próxima ao Dia Internacional da Mulher e repercutindo fortemente na Escola, revelando a importância de construir territórios viáveis de debate, invenção e conversa sobre violência de gênero nos tempos atuais de avanço de movimentos conservadores e reacionários no Brasil.

Palavras-Chave: Performance anti-crime. Educação performativa. Performance-denúncia. Gênero na Escola. (Trans)feminicídio no Brasil

PERFORMATIVE DEVICES OF GENDER TRANSGRESSION AT SCHOOL OUT OF THE PEDAGOGICAL RESIDENCE PROGRAM

ABSTRACT

This texts aims to report on the events of "Dandara Vive" and “Enquadradas” (“Coletivo Debandada”) at EEMTI Telina Barbosa da Costa and, from these, create propositions to deal in a performative way with gender violence in school environment, specially (trans)feminicides. The performances date from 2018 and 2019, both appearing next to International Women's Day and strongly reverberating in the School, revealing the importance of building viable territories for debate, invention and conversation about gender violence in the current times of conservative movements and reactionary in Brazil

Keywords: Performance anti-crime. Performative education. Performance-claim. (Trans)feminicide in Brazil

¹ Levi Mota Muniz, professor-pesquisador-multiartista, Especialista em Metodologia do Ensino da Arte pela UBC(Universidade Braz Cubas), Mestrando em Arte pela Universidade Federal do Ceará, Professor da Rede Pública de Ensino do Estado do Ceará, levifec@gmail.com/<https://www.levimotamuniz.com/>, Fortaleza, Ceará, Brasil



Universidade Regional do Cariri (URCA)
Campus Maria Violeta Arraes de Alencar
Gervaseau, Crato/CE, Brasil
ISSN-

INTRODUÇÃO

Existem temas intocáveis no espaço escolar? Esses temas não abordados, ainda que não falados, fazem ou não parte da realidade dos(as) estudantes? O Brasil é o primeiro lugar mundial no caso de feminicídios no Brasil, assim como também está no topo no número de assassinatos a pessoas trans. A maior parte desses últimos casos são, de fato, transfeminicídios: ou seja, abrigam-se nos dois segmentos. Ambos os crimes acontecem, principalmente, nas zonas de vulnerabilidade socioeconômica e afetam sobretudo mulheres (cis e trans) negras e pobres (ANTRA, 2018). O (trans)feminicídio, pois, é uma questão que engloba raça, classe e gênero dentro de um mesmo fenômeno necropolítico (MBEMBE, 2016)– desses dispositivos sociais que o Estado necrobiopolítico (BENTO, 2018) se utiliza para decidir quais são os seres que merecem sobreviver – ainda que docilizados, e aqueles que permite-se morrer. Nessa perspectiva, convidamos aqui a conjecturar a respeito da performance na escola enquanto um anti-crime (ASSUMPÇÃO, 2015) de denúncia, a partir de um desafio às normas sociais e corpóreas do ser e estar dentro do espaço escolar na construção indisciplinada do fazer artístico-performativo-pesquisador (MOMBAÇA, 2016). A perspectiva, sobretudo, é de encontrar, assim como Fernando Pocahy propõe (2018), novas formas de lidar com Ensino-Aprendizagem-Educação e a temática de gênero e violência nos tempos em que vivemos. Os debates aqui desenvolvem-se a partir de duas performances sobre violência de gênero executadas em março de 2018 e março de 2019 na EEMTI Telina Barbosa da Costa, no Bairro Messejana (Fortaleza/CE).

METODOLOGIA

Nos utilizamos aqui de uma perspectiva submetodológica indisciplinada, instigada por Jota Mombaça (2016) a partir de uma contestação à epistemologias legitimadas do acadêmico e da produção do conhecimento. Nosso território de pesquisa é uma escola pública no Nordeste Brasileiro, mas especificamente em Fortaleza/CE, contando com a participação nas ações estudadas diretamente de cerca e quarenta estudantes enquanto performers e mais de seiscentos enquanto público. A perspectiva é trabalhar com a performance, área ainda experimental e dissidente como construção do saber; dentro da Escola, espaço rejeitado por grande parte dos territórios acadêmicos de produção científica em Arte. Além disso, assimilamos, na construção das performances e das proposições textuais, a temática do (trans)feminicídio. Dessa maneira, nos inserimos dentro de várias camadas de abjeção, tanto pela metodologia, quanto pelo espaço, quanto pelo assunto. Sobre essa proposta, Mombaça propõe: “Por uma submetodologia. Que vasculhe indisciplinarmente as sombras e os subterrâneos da produção teórica, hackeando os tímpanos da escuta científica para fazer passar, por eles, ruídos até então ignorados;” (MOMBAÇA, 2016, pag. 344). Assim, também faz-se necessário salientar a gravidade na invisibilização do debate sobre a temática dentro dos espaços acadêmicos e escolares. De fato, esses assuntos são tratados como ruídos, conversas cochichadas que, se descobertas, são constantemente silenciadas. Assuntos considerados polêmicos e difíceis de serem tratados, sobretudo nos tempos de ascensão conservadora que vivemos hoje. Nesse sentido, Mombaça continua: “Submetodologia que não



Universidade Regional do Cariri (URCA)
Campus Maria Violeta Arraes de Alencar
Gervaseau, Crato/CE, Brasil
ISSN-

se furte às batalhas políticas em que se veja implicada e que não cesse de querer escapar, seja pela via do erro, da entropia ou por qualquer outra, dos condicionamentos a que está submetida a produção de conhecimento no marco das metodologias disciplinares.” (MOMBAÇA, 2016, pag. 344). Criemos, pois, formas de repensar a(s) política(s) a partir da ação do corpo, em uma atitude que questiona a normalidade dos sistemas necrobiopolíticos em seu fazer performativo.

RESULTADOS E DISCUSSÕES

“Encadeadas”² tomou espaço na tarde do dia 8 de março de 2018, no pátio da EEMTI Telina Barbosa da Costa, contando com mais de 30 performers-alunas da escola, a partir de discussões desenvolvidas em sala de aula. Todas as performers estavam com o rosto repleto de batom em diferentes figuras e desenhos, e com os lábios pintados certeira e mente. Durante o intervalo, todas foram ao pátio e, cada uma olhando para uma pessoa diferente, passaram as mãos com força pelo rosto, borrando as pinturas iniciais e construindo uma espécie de camada que aparentava lacerações na face. É importante salientar a força do olhar dentro dessa ação, como que convocando os(as) presentes para a participação no processo de denúncia. Nesse sentido, há aqui relações com os propostos de Pablo Assumpção a respeito das performances de Eleonora Fabião. “A sua poética se estrutura como materialização do encontro: a responsabilidade de Eleonora ativa a responsabilidade do outro e é esse angulamento cruzado que compõe uma dobra estética no/do espaço público.” (ASSUMPÇÃO, 2015). A ação, pois, não somente interpela-se enquanto o compêndio de trinta mulheres jovens realizando a transição de uma pintura para uma laceração, mas é na territorialização deste encontro com/na escola, no olhar com outras estudantes, com professoras, com funcionárias que o ato performativo se instaura. É interessante também ressaltar aqui a proposta de Fabião relatada por Pablo na terminologia anti-crime: “Na sociedade de controle irrevogavelmente descontrolada, a performance de rua emerge assim como anti-crime: ato performativo que examina, questiona e expande os modos da artista habitar o espaço público e se relacionar com seus concidadãos.” (ASSUMPÇÃO, 2015, pag. 13). Assim, notamos que “Encadeadas” não é somente um encontro causador de um corpo performativo coletivo, mas uma ação de denúncia por meio da examinação, questionamento e expansão sobre a violência praticada contra a mulher. Na continuidade da ação, as performers constroem uma grande roda de mãos dadas, assomada de dezenas de alunas da Escola, criando um ambiente imersivo de conexões por meio do olhar e do toque. Essa figura cria uma cisão no cotidiano do pátio escolar, reconfigurando as relações físico-corpóreas e também instigando outros regimes de pensamento e debate. Um ano depois, no dia 13 de maio de 2019, a performance “Dandara Vive!”³, executada por uma professora travesti da Escola, retoma a discussão a respeito da

2 A performance foi filmografada e transformada em um curta-metragem, intitulado “Quebrando o Silêncio – Mulheres na Escola” e disponível em: <https://youtu.be/aBqWne4IJV0>

3 Os registros fotográficos da performance, feitos por diferentes alunos e estagiários, estão disponíveis em: <https://photos.app.goo.gl/GqA4bW6NxjeisWqC6>



Universidade Regional do Cariri (URCA)
Campus Maria Violeta Arraes de Alencar
Gervaseau, Crato/CE, Brasil
ISSN-

performativo reverberam em todos os territórios daquele ambiente e da cidade como um todo. A continuidade das reverberações performativas pode e deve, assim, ser material de criação e discussão em sala de aula, nos processos de ensino-aprendizagem. Também é a partir da ação de denúncia contra a violência de gênero que podemos reinventar as condições e experiências de mulheres e pessoas LGBTQI+ na Escola. Na EEMTI Telina Barbosa da Costa, esses grupos assumem a cada nova ação protagonizada uma nova possibilidade de se apresentar e conviver com o ambiente escolar. Estudantes e professoras que antes perfaziam-se caladas agora procuram fazer-se escutar e são mais facilmente acolhidas dentro da escola como um todo (apesar de, é necessário salientar, os percalços e dificuldades ainda serem muitos). O momento pedagógico na sala de aula ou em qualquer espaço da escola ganha, assim, outros conteúdos, outras vozes, outros sujeitos, outros protagonistas, outras possibilidades. Desse modo, a urgência de agir e de denunciar convoca-se em conjunto com a necessidade de formar e educar. Ensinar, aprender e educar para um pensamento crítico, transgressor, contestador, no momento em que vivemos, é, por si só, um ato performativo, um anti-crime.

REFERÊNCIAS

ANTRA. **Mapa do Assassinato de Travestis e Transexuais no Brasil em 2017**. Associação Nacional de Travestis e Transexuais, 2018.

ASSUMPÇÃO, Pablo. Eleonora e o corpo performativo poéticas do ato, materialidades do encontro. In: FABIÃO, Eleonora; LEPECKI, André (Org.) **Ações: Eleonora Fabião**. Rio de Janeiro: Tamanduá Artes, 2015.

BENTO, Berenice. **Na escola se aprende que a diferença faz a diferença**. Revista Estudos Feministas, Florianópolis, Universidade Federal de Santa Catarina, v. 19, n.2, 2011.

BENTO, Berenice. **Necrobiopoder: Quem pode habitar o Estado-nação?**. São Paulo, UNICAMP: Cadernos Pagu, 2018

FABIÃO, Eleonora; “Performance e Teatro: poéticas e políticas da cena contemporânea”. In: **Sala Preta**, Revista do Programa de Pós-graduação em Artes Cênicas da ECA-USP, n. 8, 2009.

GRUNVALD, Vitor Existências, insistências e travessias: sobre algumas políticas e poéticas de travestimento. São Paulo: Universidade de São Paulo. 2015

MBEMBE, Achille. 2016. “Necropolítica”. *Arte & Ensaios* - Revista do PPGAV/EBA/UFRJ, n. 32, dezembro, pp. 122-151.

MOMBAÇA, Jota. Rastros de uma Submetodologia Indisciplinada. *Concinnitas*. ano 17, volume 01, número 28, 2016. p. 334-354

POCAHY, Fernando. O CLAMOR DA DIFERENÇA LETAL: EDUCAR EM ESTADO DE



Universidade Regional do Cariri (URCA)
Campus Maria Violeta Arraes de Alencar
Gervaseau, Crato/CE, Brasil
ISSN-

EXCEÇÃO. Mato Grosso do Sul, UFGD: Ñanduty, 2018.